

Na busca contínua por desafios

A cantora Pitty fala de seu novo disco e das motivações que a levam a ter uma das carreiras mais bem sucedidas do rock nacional

Por Karen Rodrigues

Depois de quatro anos sem novidades, Pitty está de volta com seu terceiro álbum, *Chiaroscuro*. Quem curte seu som vai perceber que valeu a pena esperar. O novo trabalho chega com contrastes entre músicas leves e pesadas e também com diferentes ritmos como soul, tango, bolero e, claro, o rock como predomínio. A cantora conta que os novos ritmos surgiram quando começou a compor, e decidiu deixar rolar pra ver no que dava. E deu certo. *Chiaroscuro*, palavra italiana que significa “claro e escuro” e também uma das técnicas de pintura de Leonardo da Vinci, contém 11 faixas, todas escritas pela cantora. Com o desejo de querer se expressar, porém sem se preocupar com o que vão dizer, ela aborda em suas letras os fatos do cotidiano e o comportamento das pessoas. Em entrevista à Folha Universitária, Pitty fala sobre seu novo CD, o qual já está sendo considerado o disco de rock do ano.

Folha Universitária – O novo álbum é apontado pela crítica especializada como o disco de rock do ano. Como é pra você depois de um mês de gravação receber esta notícia?

Pitty – Ai que chique, o ano nem acabou e o “nego” já tá falando isso. Ótimo, adoro. Eu fico feliz né, o que eu posso fazer? Vou abrir a janela e gritar aqui (risos). É muito bom, muito bom saber que a galera curtiu o disco.

F.U. – O disco tem algumas músicas bem pop e até uma faixa no ritmo de tango. Por que optou por estes estilos?

Pitty – É tudo muito simples. Às vezes as pessoas acham que o fato de acontecer alguma coisa é fruto de uma concatenação enorme, de uma programação. Não. A coisa é muito mais espontânea, muito mais intuitiva. Então, quando eu comecei a compor, eu senti que estavam surgindo novos ritmos, novas coisas. Eu não reprimi isso.

Eu não barrei isso. Falei: “eu vou deixar sair o que tiver que sair e depois eu vejo o que é”.

F.U. – E não deu um certo receio lançar um CD tão diferente dos outros, com estes novos estilos?

Pitty – Não. Porque eu estava feliz com o que eu estava fazendo. E aí você já não tem receio. Acho que você só tem receio quando você está inseguro com o que você faz. E o resultado foi muito bom pra gente. A gente ouve e fica feliz, então, não tem como ter medo.

F.U. – O processo de gravação deste álbum foi diferente dos outros. Vocês gravaram na casa do baterista, como foi isso?

Pitty – É, nós temos um estúdio de ensaio que a gente transformou em estúdio de gravação, porque precisa de um pouco mais de equipamento, um pouco mais de estrutura.

F.U. – E esta mudança influenciou no resultado do trabalho?

Pitty – Eu acredito que sim, pelo fato da gente estar ali num clima mais familiar e fazendo as coisas de uma forma diferente, sem ter aquele cronograma muito rígido e, tendo espaço para experimentar e pra fazer almoço e comer junto e depois entrar no estúdio e gravar. Eu acredito que sim.

F.U. – A banda está com a mesma formação desde o CD “Anacrônico”. A convivência entre vocês é como uma família?

Pitty – Ah, já era viu. Porque a gente se conhece há muito tempo. Os meninos, eu os conheço desde que eu era adolescente, então é uma relação de longa data. A gente já era amigo antes de ter uma banda. E a banda virou uma consequência dessa amizade.

F.U. – E o que te inspira para escrever as letras?

Pitty – As coisas que estão dentro da minha cabeça (risos).

E, claro, que no mundo ao redor também. Eu tenho uma tendência muito existencialista na hora de escrever, eu acho. Escrever pra mim é uma forma de me auto-analisar e por consequência acabar analisando gente como um todo, porque, até onde eu saiba, eu também sou gente. E aí, acaba rolando desse jeito. Eu vou colocando as coisas pra fora e quando eu vejo tem uma letra, um poema que dá pra ser musicado. Ou ao menos uma fagulha que dá pra ser desenvolvida.

F.U. – E o fato de você ler livros compulsivamente, te ajuda na hora de compor?

Pitty – Eu acho que sim. Até hoje eu não sei se eu leio porque eu escrevo, ou se eu escrevo porque eu leio. Acho que uma coisa não existe muito sem a outra.

F.U. – E pra esse álbum quais são suas referências musicais?

Pitty – Não tem nenhuma música específica. A gente



nunca se inspira em alguém especificamente para fazer nada. Ao mesmo tempo, claro, tudo que você ouve e gosta acaba te influenciando. Então eu não sei te dizer uma coisa: ah, a gente ouviu tal banda e ficou assim. Mas as coisas que eu ouvi nos últimos anos têm a ver com coisas mais climáticas como o disco da Scarlett Johansson que ouvi pra caramba, até o próprio Little Joy, fora coisas que eu já ouvia como Queens of the Stone Age, essas coisas todas.

F.U. - Uma das faixas deste novo disco que chama muito a atenção é a "Todos estão mudos". Ela é um recado ao povo brasileiro?

Pitty - Não. Eu não gosto de dar recado não. Eu gosto de botar pra fora coisas, não chega a ser um recado. Eu acredito que nossa geração é muito reprimida no sentido de não querer falar muito as coisas. Ter que ser politicamente correto o tempo inteiro. De achar que se der uma opinião vai acabar ofendendo alguém. E eu acho que isso fez com que todo mundo ficasse mais reprimido.

F.U. - Em outra música, chamada "Desconstruindo Amélia", você menciona a evolução da mulher. O que a levou a pensar nesse momento da mulher?

Pitty - Velho o fato que é sempre uma conversa que existiu entre amigas. Imagino que você já deve ter tido algum tipo de conversa desse tipo com suas amigas, mas do tipo: "pô to aí, tenho que trabalhar e acordar cedo e trabalhar e ainda temos que nos cuidar, e ainda tem o namorado pra dar conta e daqui a pouco tem filhos e meu Deus, como faz?". Então foi meio que uma tentativa de investigar como está sendo nossa vida hoje em dia no século 21. Quando a gente estava um pouco mais perto dentro desta "autonomia" pela qual a gente sempre batalhou, desde que a primeira maluca lá que queimou o sutiã, como é que está? Como está hoje? Estamos dando conta? Acabou que a gente ficou sobrecarregada? Era isso, uma tentativa de investigar essa questão.

F.U. - Tem até uma frase bem interessante dessa música que fala "...a despeito de tanto mestrado ganha menos que o namorado e não entende o porquê...". E isso é uma realidade atualmente, né?

Pitty - Pois é. Eu tenho um monte de amigas que estão nesta situação. Um monte. Todas extremamente cultas, estudadas e tudo mais e quando vai para o empre-



go, o cara sempre ganha mais. Como assim? Acho que só tem uma profissão que a mulher ganha mais que o homem, é a profissão de modelo (risos). O resto...

F.U. - Bom, e falando em evolução, como você avalia a sua carreira nestes seis anos?

Pitty - A gente sempre fez tudo de forma muito coerente. Sempre priorizando a verdade e as coisas de uma forma que não se perdesse no caminho comercial e tentando preservar essa coisa de continuar fazendo arte e ao mesmo tempo tentando sobreviver numa coisa que é o mercado. A tentativa sempre foi essa. E, é claro, com relação à parte artística sempre deixando rolar e nunca se reprimindo. Nunca ficando dentro de um molde pré-estabelecido. Quando eu me proponho a escrever ou a gravar um disco, eu quero estar plena naquilo ali. Eu quero de fato poder me expressar. E não ficar preocupada em como vai ser, como é que vai vender, se alguém vai entender e tudo mais. Eu quero primeiro me expressar enquanto artista e depois quando isso vai pro mundo é que a gente vê o que acontece.

F.U. - A pirataria é um problema que artistas e produtoras têm enfrentado. Vocês pensaram em algo para o lançamento desse CD?

Pitty - A forma que eu encontrei é oferecer o conteúdo desse disco em diversos formatos. E é isso, acho que quanto mais opção você dá, mais a pessoa vai poder adequar aquilo à própria necessidade. Então se a pessoa quiser baixar uma faixa do disco, duas ou três, pode. Se ela quiser com-

prar o disco inteiro, ela também pode. Se ela quiser comprar o vinil, também. Então a forma, por enquanto, que a gente encontrou foi essa. Oferecer opção. Claro que a pirataria prejudica. Desde que começou essa história, a verba para se trabalhar com música se modificou muito. A gente hoje não tem a mesma verba para fazer clipes que tinha a galera dos anos 90. A gente não tem a mesma verba para fazer marketing do mesmo jeito que tinha. Mas tudo vai se adaptando. No meu caso, não me incomodou muito porque eu tenho a herança do punk rock. Tudo sempre foi muito artesanal. Tudo sempre foi feito muito em cima da criatividade do que na base da grana. Então a gente vai conseguindo se virar com isso. Pensando, executando, tendo idéias e fazendo com que elas sejam mais econômicas possíveis.

F.U. - Em relação ao seu público, ele é mais jovem. Com o passar do tempo você percebe alguma mudança desse público, porque de certa forma eles vão crescendo?

Pitty - Na verdade, hoje em dia eu vejo uma faixa muito mais ampla. No primeiro disco sim, eu observava que ele atingiu diretamente essa galera mais nova, pré-adolescente, até criança. O segundo já não, ele bateu numa galera mais velha, perto dos vinte, vinte e poucos anos. E, claro, eles cresceram. Hoje em dia eu recebo feedback de pessoas muito mais velhas. Gente de 40, 50 anos que gosta da banda e às vezes fica até meio sem graça, porque sabe que tem adolescente que gosta e não quer parecer que gosta de coisas que adolescente gosta, tem essas besteiras assim. Eles foram se modificando na medida em que a gente foi se modificando, o que é muito legal.

F.U. - Você já conquistou muitos prêmios ao longo da carreira. O que te traz motivação para continuar?

Pitty - A motivação é a mesma de sempre. Eu não montei uma banda para ganhar prêmio. O prêmio é uma consequência. Montei uma banda porque eu queria me expressar, queria escrever, eu precisava cantar. É uma necessidade muito pessoal de expressão. A motivação continua sendo a mesma. Essa mesma necessidade de expressão, de descobrir sons e por amar a música e, enfim, por saber que ali eu me encontro. O objetivo não é ganhar prêmio, o objetivo é se expressar. O prêmio vem porque, sei lá, alguém achou aquilo bacana.



Fotos: Caroline Bittencourt